

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

SHARON DA CUNHA PERES MORENO MEDEIROS

**LEITURA VIVA: RELATO DE EXPERIÊNCIAS NO ESTÁGIO DO ENSINO
FUNDAMENTAL II**

Jaguarão

2025

SHARON DA CUNHA PERES MORENO MEDEIROS

**LEITURA VIVA: RELATO DE EXPERIÊNCIAS NO ESTÁGIO DO
ENSINO FUNDAMENTAL II.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras-Português e Espanhol e suas respectivas Literaturas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciatura em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Marcela Wanglon Richter

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

M4883247881 Medeiros , Sharon da Cunha Peres Moreno

LEITURA VIVA: RELATO DE EXPERIÊNCIAS NO ESTÁGIO DO ENSINO FUNDAMENTAL II / Sharon da Cunha Peres Moreno Medeiros .

32 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -- Universidade Federal do Pampa, LETRAS - PORTUGUÊS E ESPANHOL, 2025.

"Orientação: Marcela Wanglon Richter ".

1. Leitura . 2. Formação de leitores . 3. Estágio . 4. Formação de professores . I. Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal do Pampa

SHARON DA CUNHA PERES MORENO MEDEIROS

**LEITURA VIVA:
RELATO DE EXPERIÊNCIAS NO ESTÁGIO
DO
ENSINO FUNDAMENTAL II**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Português, Espanhol e Respectivas Literaturas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 09 de julho de 2025.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Marcela Wanglon Richter
Orientadora
(UNIPAMPA)

Profa. Dra. Geice Nunes Peres
(UNIPAMPA)

Prof. Dr. Luís Fernando da Rosa Marozo
(UNIPAMPA)



Assinado eletronicamente por **MARCELA WANGLON RICHTER, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 16/07/2025, às 21:52, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **GEICE PERES NUNES, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 17/07/2025, às 21:09, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **LUIS FERNANDO DA ROSA MAROZO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 17/07/2025, às 22:28, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1787657** e o código CRC **34540A5B**.

Unipampa – Campus Jaguarão
Rua Conselheiro Diana, nº 650 - Jaguarão/RS - CEP: 96300-000
Telefones: (53) 3261-4269, (53) 3240-5450

“O livro é a melhor invenção do homem.”

Carolina Maria de Jesus (Quarto de Despejo, 1960)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discutir sobre as práticas de leitura realizadas no estágio supervisionado II. A pesquisa foi construída a partir da metodologia de relato de experiência, associada à teoria e à prática, com base em autores como Paulo Freire, bell hooks, Antônio Candido e Eliane Yunes. Esses autores defendem a leitura como ato de liberdade e de direito humano à dignidade. Neste contexto, procuro enfatizar que a leitura possui papel fundamental em nossas vidas. Compreendo a leitura como prática viva, atividade que deve apresentar sentido no cotidiano dos alunos e deve ser relacionada às suas realidades, sociais, históricas, culturais e afetivas.

Palavras-chave: Leitura; relato de experiência; práticas docentes.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo reflexionar sobre las prácticas de lectura realizadas durante el Prácticum II. La investigación se construyó a partir de la metodología de relato de experiencia, articulada con la teoría y la práctica, basada en autores como Paulo Freire, bell hooks, Antônio Candido y Eliane Yunes. Estos autores defienden la lectura como un acto de libertad y un derecho humano vinculado a la dignidad. En este contexto, busco enfatizar que la lectura tiene un papel fundamental en nuestras vidas. Concibo la lectura como una práctica viva, una actividad que debe tener sentido en la vida cotidiana de los estudiantes y debe estar relacionada con sus realidades sociales, históricas, culturales y afectivas.

Palabras clave: Lectura, informe de experiencia, prácticas docentes.

SUMÁRIO

1-INTRODUÇÃO.....	9
2-ENTRE PALAVRAS E MUNDOS: A LEITURA QUE TRANSFORMA ..	11
3-LEITURA E FORMAÇÃO HUMANA: PERPECTIVAS TEÓRICAS	12
4-VIVÊNCIAS E PRÁTICAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO	20
5-SEMEANDO LEITURAS: FRUTOS E APRENDIZADOS	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
6-REFÊRENCIAS	31

1-INTRODUÇÃO

A vida é um livro com páginas infinitas, no qual cada um escreve a sua própria história. Neste processo, a leitura tem um papel fundamental no desenvolvimento humano. Através dela adquirimos novos horizontes, sensibilidade e transformação interior. No entanto, no estágio supervisionado do ensino fundamental II, observei que muitos alunos demonstraram desinteresse pela leitura, constatação que levanta importantes questionamentos sobre a prática de leitura em sala de aula.

O professor com seu papel de mediador, entre o mundo da língua portuguesa e a realidade estudantil, oferece alternativas para que esses mundos se comuniquem. De que modo é possível ressignificar as práticas de leitura e letramento na escola, tornando-as mais significativas e afetivamente cativante para os alunos? Como tornar o letramento e a leitura práticas vivas no ambiente escolar, conectando-as às experiências e às realidades dos alunos?

Como professora em formação, preocupo-me com esse movimento de indiferença entre os estudantes. Ao ministrar as aulas, realizava sempre uma competição com o aparelho celular. Por diversas vezes, precisei solicitar que o celular fosse guardado. Um ponto a se refletir é o uso excessivo dos dispositivos móveis e a internet. Quais as consequências dessa nova realidade que os estudantes enfrentam? Quais as consequências para os professores?

A percepção que se tem hoje é a de que vivemos em três dimensões distintas, mas interligadas. Existe o mundo real, onde a vida acontece de forma concreta, com presença física, relações e experiências sensoriais. Em paralelo, há o mundo virtual — um espaço digital criado, acessado e vivido como se fosse realidade, ainda que seja mediado por telas e algoritmos. A partir do entrelaçamento desses dois, forma-se uma terceira dimensão: a forma como nos colocamos como sujeitos entre esses mundos. É uma percepção moldada por ambos, em que o real e o virtual se misturam e, muitas vezes, se confundem. Essa fusão acaba distorcendo os limites entre os espaços, dificultando a separação clara do que é vivência concreta e do que é projeção digital.

Estamos em um momento em que o excesso passou a fazer parte do nosso cotidiano. É excesso de informação, de estímulos, de produtos, de consumo, de propagandas. Temos roupas demais, conteúdos demais, opções demais. Constantemente saturados por demandas e isso nos afasta do silêncio,

da calma, da concentração, do outro, até mesmo do nosso ser. Além disso, estamos distantes de uma realidade utópica. Vivemos em uma sociedade que enfrenta barreiras sociais, econômicas e estruturais que impactam diretamente a vida dos aprendizes. A vida particular de cada aluno vai ao encontro do que uma grande maioria experimenta silenciosamente em nosso país. Questões como a pobreza, relacionamentos familiares, negligências, violências, abandono, pais ausentes devido ao cotidiano do trabalho.

A profissão de professor exige administrar as demandas pedagógicas, porém, vai além dessas fronteiras. É fundamental construir uma estrutura psicológica sólida para lutar contra as injustiças sociais. Sem um olhar afetuoso para as situações, perde-se o sentido profundo que essa profissão carrega. Perde-se a humanidade. Penso que enquanto professores de literatura, também somos artistas, reproduzindo a arte da palavra, improvisando cada cenário. Redescobrimos cada poema, emergindo na linguagem, compartilhando histórias e fundindo almas.

Partindo dessas inquietações, este trabalho tem como objetivo refletir sobre as práticas em sala de aula que possam fazer da leitura, uma construção com sentido vivo e profundo. Por isso, é importante analisar a prática de leitura entre os adolescentes, identificar estratégias que mobilizem o letramento literário e explorar maneiras de contribuir para o despertar da leitura. Somado a isso, discute-se também a importância de promover uma educação humanizada e sensível. Principalmente, uma educação que entenda a leitura como um direito compreendido e vivenciado por todos.

A análise será fundamentada nos relatos de experiências vividas no estágio supervisionado do ensino fundamental II, avaliando as práticas pedagógicas e teorias utilizadas que exploram a importância da leitura no desenvolvimento do sujeito. Apresentarei neste trabalho reflexões e propostas sobre o letramento literário e como tornar essa vivência prática e contextualizada.

Penso que uma das fases mais importantes para o processo de formação em uma licenciatura é a realização dos estágios supervisionados. Sendo assim, penso que meu estágio me permitiu uma conexão verdadeira com a futura profissão, pois me permitiu enfrentar os desafios e pensar sobre eles.

2-ENTRE PALAVRAS E MUNDOS: A LEITURA QUE TRANSFORMA

Um dos primeiros enfrentamentos de um estágio é a realização dos planejamentos de aulas. A diversidade de conteúdos, ideias, metodologias e sugestões podem fazer surgir uma insegurança. Além dos planejamentos, a escolha das turmas, os primeiros momentos com a turma escolhida, a organização do material didático, mudanças inesperadas no planejamento como faltar luz, ou faltar papel na escola, ou algum aparelho eletrônico não funcionar, faz com que o estagiário se sinta em uma verdadeira montanha-russa de sensações. Porém, apesar de todos esses detalhes, a satisfação do dever cumprido e de que mesmo diante das batalhas tudo deu certo é muito inspiradora.

Desde a infância, ao escutar histórias, eu me teletransporto para outro lugar. Sentia-me como a protagonista dos contos, vivenciando todas as aventuras e acontecimentos, era mágico. Assim, quando aprendi a ler, algo mudou na minha essência: mergulhei em narrativas que eu mesma podia interpretar e compreender.

De tempos em tempos, um homem misterioso passava pelas salas, entrando com uma maleta repleta de sonhos. A alegria era contagiante, e a turma vibrava em sintonia, com a paixão pelas histórias vividas em suas almas e corações. Cada livro era uma chave para outro mundo, e cada página, um novo caminho. O desejo de descobrir, aliado à curiosidade inocente, fazia daquele instante um verdadeiro ritual de iniciação ao saber — como se, ao folhear os livros, tivéssemos algo sagrado e eterno dentro de nós.

Na trajetória escolar, desenvolvi um apego especial pela Língua Portuguesa e pela Biologia, disciplinas que adorava pela riqueza das maravilhas que podia descobrir por meio delas. Dessa forma, aprendi a utilizar a escrita para expressar sentimentos: tive vários diários, embora nunca com a persistência diária que desejava. Escrevia poemas, gostava de fazer rimas e compor canções.

Certa vez, a diretora da escola passou pelas salas para comunicar que ocorreria um concurso de poemas em comemoração ao aniversário da cidade. Então, junto a um amigo, escrevemos um poema que acabou ganhando entre todas as escolas do município. Foi muito emocionante saber que algo escrito por

mim tocou alguém e que, de alguma forma, teve grande importância. No dia do aniversário da cidade, fomos chamados em frente à prefeitura para receber medalhas e o reconhecimento por termos feito a diferença através das palavras. Tive a certeza ingênua de que poderia mudar o mundo.

Esse encontro com a leitura e a escrita voltou a se tornar significativo quando ingressei na universidade. Mesmo ainda sendo universitária, a relação com a leitura se mostrou desafiadora; de repente, um mundo completamente novo surgiu. Minhas experiências de leitura até então estavam baseadas no Ensino Médio. Houve uma quebra de expectativa sobre esse relacionamento, que se redefiniu para algo mais concreto e sério.

Assim, esse vínculo passou por diversas adaptações. Ao enfrentar o estágio de práticas e me posicionar pela primeira vez como professora, visualizei o grande impacto e a responsabilidade que tenho por meio da Educação. Minhas memórias escolares iam se revelando ao longo do processo de me reconhecer professora de literatura. De fato, trouxe todas as minhas bagagens sobre a leitura para, assim, proporcionar aos alunos a melhor experiência possível.

3-LEITURA E FORMAÇÃO HUMANA: PERSPECTIVAS TEÓRICAS

A vida ao nosso redor pode ser analisada de várias formas, inclusive ser lida. Sendo assim, a todo momento estamos lendo além do que está escrito. Lemos as pessoas através de seus gestos ou até mesmo através de seu rosto. Lemos quando saímos para algum lugar ou quando estamos nesse lugar. Lemos os objetos que nos rodeiam, como algum utensílio ou ferramenta. Sendo assim, estamos a todo momento realizando leituras e atribuindo significados.

Como aborda Paulo Freire: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da comunidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. (FREIRE, 2001, p. 11-12). Sendo assim, podemos dizer que toda leitura é válida e não deve ser desperdiçada ou desconsiderada, principalmente, aquela que é realizada pelo aluno em sala de aula. O ato de ler é nosso material de trabalho, por isso, é importante acolher todas as percepções.

Encarar os mistérios da vida na infância é a primeira leitura do mundo imediato que elaboramos. Viemos ao mundo sem bagagens e vamos construindo tudo ao longo do tempo. Em um primeiro momento, dos nossos pais recebemos valores, crenças e ensinamentos; em um segundo, passamos a explorar o mundo com a nossa própria percepção — o prazer de descobrir o mundo com as próprias mãos. Nesse processo, a aprendizagem da leitura não é algo estático; mas um movimento constante de descobertas. É como o vento soprando as árvores, como a rede do gol que balança, como as ondas do mar que sobem e descem. É vida: leitura vivida. E toda leitura que carrega significados nos transforma.

Acredito que a leitura é essencial para a existência do nosso ser, pois nos possibilita compreender as situações ao nosso redor e nos posicionar diante delas, impedindo que injustiças ou limites sejam ultrapassados. É por meio da leitura que decidimos o que é valioso, que formamos nossos gostos e nos construímos enquanto pessoas. O ato de ler é uma infinita possibilidade de reconstrução do ser. Com esse olhar para a leitura, procurei trabalhar em minha experiência de estágio, compreendendo que cada aluno carrega em si as múltiplas experiências de vida que o formam enquanto sujeito.

Se for oferecida apenas a leitura do mundo, o sujeito se torna incompleto e o mesmo acontece se faltar a leitura da palavra. A leitura é alimento da alma, combustível para uma mente viva. Tanto a leitura do mundo quanto a leitura da palavra se complementam e são essenciais para uma formação plena das pessoas.

O poder da educação reside na capacidade de transformar vidas. Por meio da leitura, buscamos uma sociedade mais justa, ultrapassando os limites da formação profissional e promovendo o desenvolvimento integral do sujeito. De fato, é fundamental que desempenhemos um papel ativo na sociedade, sobretudo, quando a educação exerce seu verdadeiro potencial: ultrapassar as fronteiras de um papel social limitado e promover o desenvolvimento pleno do ser.

Dessa forma, é possível navegar por campos que estimulam o pensamento crítico e libertador, reconhecendo o potencial da liberdade como caminho para a consciência e, conseqüentemente, para a construção de sujeitos

autônomos. Nesse sentido, conforme nos ensina bell hooks, “a educação tem a ver com a prática da liberdade” (HOOKS, 2013, p.14), ou seja, com a formação de indivíduos capazes de refletir, questionar e transformar a realidade à sua volta, de forma autônoma e socialmente engajada.

Esse movimento, no entanto, precisa alcançar não apenas os alunos, mas também os professores. Porém, para que essa ação aconteça, é necessário promover a valorização do professor por meio de salários justos, condições de trabalho adequadas, suporte emocional e suporte institucional, formações continuadas e, principalmente, respeito. É necessário reconhecer que, para haver a transformação na sociedade, precisamos da educação. Sendo assim, precisamos olhar para o professor com empatia e sensibilidade, para que, com dignidade, se consiga sustentar o ato de ensinar.

O propósito da escola, moldado historicamente pelas exigências da sociedade, acabou por perder, em muitos casos, o sentido genuíno do ensinar. Diante disso, é preciso retomar a pergunta essencial: ensinar para quê? Ensinar para construir uma sociedade mais justa, mas também para formar sujeitos intelectualmente nutridos, atentos às situações sociais, capazes de discernir os fatos, posicionar-se criticamente e desenvolver uma sede contínua por conhecimento.

Nesse sentido, devemos beber do mesmo poço onde Sócrates bebia: o poço da dúvida, da humildade intelectual e da busca constante pelo saber. É nesse processo que podemos compreender o pensamento do filósofo grego, quando humildemente afirma: “Só sei que nada sei”. Tal frase não revela ignorância, mas, ao contrário, expressa a consciência da limitação humana diante da vastidão do saber. A sabedoria socrática revela que, diante da grandeza do mundo e do conhecimento, é impossível, em uma vida finita, dominar o todo.

Por conseguinte, no auge da modernidade, o potencial da escola foi muitas vezes reduzido à simples função de armazenamento de informações. Como aponta Hooks “de repente, o conhecimento passou a se resumir à pura informação. Não tinha relação com o modo de viver e de se comportar” (HOOKS, 2013, p. 12). Nesse contexto, muitas propostas pedagógicas acabam reforçando

essa lógica reducionista, na qual o aluno não compreende a real dimensão do seu papel no processo educativo. Em uma perspectiva ideal, as atividades desenvolvidas em sala de aula deveriam possuir significado tanto para o estudante quanto para o professor.

Diante de tantos conceitos estabelecidos no meio acadêmico, acredito que o conceito de humanização, proposto por Antônio Candido, auxilia para o início dessa discussão. Primeiramente, em decorrência das experiências vividas na prática docente, baseadas no estágio supervisionado do ensino fundamental II, a concretização desse termo, tornou-se ainda mais significativa durante a execução das atividades escolares. Conforme aponta Candido:

Entendo aqui por humanização (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CANDIDO, 1995, p.180)

Partindo desse princípio que dentro desse termo encontramos o ofício exercido pela profissão docente, tomamos como essenciais todas as características apresentadas e relacionamos no cotidiano da aprendizagem para ampliar os conhecimentos estabelecidos.

Sendo assim, desde que o homem deixou de ser da “caverna” e evoluiu para este determinado tempo, a existência de conflitos continuou de diversas maneiras partindo de algo concreto como as guerras, também a fome que assola milhares de pessoas, conflitos sociais como movimentos contra injustiças. Enfatizo que a humanização lançada lidera um movimento para a permanência do que é essencial, diante de tantas adversidades e violências presentes em nossas vidas.

Como afirma Candido: “Quem acredita nos direitos humanos procura transformar a possibilidade teórica em realidade, empenhando-se em fazer coincidir uma com a outra”. (1995, p.170) Estudamos teorias que abarcam diversas áreas, mas a principal transformação da parte teórica para a nossa prática é executar a humanização como direito. Se há chances de realizar

mudanças em nosso mundo, a comunidade escolar é nosso principal alvo para que elas aconteçam.

O direito humano está associado socialmente ao que é palpável ou material, por isso todos têm o direito de suprir suas necessidades reestabelecendo sua dignidade por meio de alimento, abrigo, roupas e saúde. Por outro lado, o imaterial se torna o alimento para a integridade humana e assim, arte, teatro, música e literatura executam esse papel consolador. Conforme destaca Candido:

O fato é que cada época e cada cultura fixam os critérios de incompressibilidade, que estão ligados à divisão da sociedade em classe, pois inclusive a educação pode ser instrumento para convencer as pessoas de que o que é indispensável para uma camada social, não é para outra. (1995, p. 173)

A educação participa como instrumento para a prática de ressignificações debatidas em sala de aula. Cada leitura de um texto, cada debate estabelecido por meio de temas complexos, cada repercussão estendida ao estudante, cada memória fortalecida permite suavizar a nossa sede por uma compreensão mais ampla e profunda da vida.

Por meio dessa contribuição se torna mais que necessário utilizar de estratégias de resolução de problemas, trazendo a teoria do papel para a prática. Além da sua contribuição como aprendizado, também agrega muito mais significados. Por falta de experiência ou porque naquele momento não tinha elaborado esse tipo de ação, algumas atividades poderiam ter sido exploradas com um maior potencial durante o meu estágio. As atividades que foram relacionadas ao meio ambiente, como a problematização do lixo e as suas consequências, poderia ter se estendido para uma ação conjunta com a disciplina de ciências ou para a fabricação de brinquedos e utensílios reciclados, mostrando como a Literatura está conectada ao mundo real.

A segregação cultural estabelecida historicamente prejudicou grandes escritoras, como exemplo a trajetória de Carolina Maria de Jesus, mulher negra, periférica, sedenta pelas necessidades mais básicas. No entanto, foi justamente na ponta do lápis e nas folhas de papel, muitas vezes resgatadas do lixo, que ela encontrou o preenchimento da alma e o registro da própria existência no mundo literário. A classe social pertencente aos mais favorecidos, desfrutavam

desse "luxo" — o acesso à leitura e à escrita, sem sofrer qualquer tipo de represália. Contudo, quando a situação se invertia, como no caso de Carolina Maria de Jesus, esse direito lhe foi negado, e ela era socialmente desprezada por sua origem, por ser mulher negra e periférica, e, ainda assim, ousar ocupar o espaço literário.

Contudo, essa segregação cultural ainda está enraizada na nossa sociedade. A escritora Carolina de Jesus se tornou um símbolo de resistência, um lembrete constante do quanto ainda temos a evoluir como sociedade. Logo, fez da leitura e escrita diária em seu humilde barraco, o escudo para sobreviver.

Como professores, devemos lutar para que todas as “carolinas” tenham a garantia de seus direitos e de suas necessidades saciadas. O conceito de humanização garante esse direito. Neste sentido, o papel do professor será o de mediar as relações entre a Literatura e o mundo, fazendo com que a leitura transgrida o meio escolar. Portanto, a ausência da leitura fecha o caminho para outras percepções de aprofundamento do nosso olhar para a vida, promovendo uma sociedade mais justa, inclusiva e respeitosa.

Sendo assim, a leitura transcende os limites da decodificação das palavras, pois o espaço habitado pela leitura não está limitado às barreiras estruturais de uma instituição. As imagens construídas, as vivências pessoais e coletivas, as memórias e o pensamento antecedem a ação leitora. Segundo Eliane Yunes: “Pensar é o que nos pede a leitura, pensar e decidir, pensar e opinar, pensar e agir. Sem leitura não há educação, sem leitura não há cidadania.” (YUNES, 2013.p.10) Acredito que a leitura permite uma viagem para o encontro da nossa essência interior e o encontro para um futuro melhor. E ainda quando penso sobre a leitura, encontro um pouco de cada um na história narrada, encontro com o próximo, me identifico, me conecto e respeito a sua existência, mesmo que ficcional.

Existem fatores que contribuem para que toda essa ação de pensar a leitura aconteça. Por exemplo, o ambiente é um fator extremamente importante na construção do sujeito-leitor. Ao decorrer dos dias na prática do estágio, incentivando a leitura, percebi a melhora comportamental e uma melhora na

concentração nos momentos da aula que foram reservados para leitura. Nesses momentos, percebi a conexão do estudante com o texto.

O fascínio pela leitura deveria iniciar no meio familiar. O sujeito-leitor construiria laços afetivos que raramente seriam perdidos. Os sentidos estabelecidos com a família, como ler um livro com a mãe; o pai ler o livro antes de dormir; reconstruir histórias a partir de um livro como uma brincadeira enlaçada com irmãos; fazer um livro de colagens de uma viagem formam um conjunto de memórias afetivas com a leitura. Conforme aponta Yunes, a ambiência faz a diferença em nossa relação com o ato de ler:

Este ambiente interno e externo estimula práticas e vivências de leitura insuspeitadas e arranca o leitor da mesmice de ler o já lido. O leitor vem à tona, delineando um sujeito que se reconhece enquanto se constrói na diferença com o objeto e com os outros. A ambiência é assim mais que o ambiente – nela estão mobilizados os afetos e as trocas, além do “cenário” que deve ser acolhedor, tanto quanto o leitor-guia (YUNES, 2013, p.18)

As memórias afetivas criadas durante esse processo transformam o leitor contribuindo para suas futuras leituras. Entendo que quando conseguimos pensar em várias relações de um tema, concluímos um desafio longo de fazer várias leituras e relacioná-las. Então, tive o cuidado de ser uma “guia” acolhedora e humanizada no processo do estágio por entender que, além de ser professora, o ambiente é muito importante para o desenvolvimento prazeroso da leitura. O contato com a leitura modificou-se de um exercício considerado chato, tedioso e desenvolvido somente pela instituição escolar para uma atividade encantadora aos olhos dos meus alunos.

Observando a relação social da minha turma, percebi que a responsabilidade do ato de ler se tornou um contrato exclusivo entrelaçado ao papel da escola. Essa comprovação surgiu a partir de atividades que eram enviadas como tarefa para casa e não se obteve retorno. Por isso, acredito que a comunidade, escola, professores, funcionários e pais precisam estar alinhados com o mesmo pensamento, cada um desenvolvendo o seu papel de responsabilidade.

A mudança dessa visão limitada sobre a leitura precisa ser urgente e concreta. Enquanto professores, temos o papel de apresentar a leitura como

uma experiência prazerosa, acolhedora e significativa, não como uma obrigação mecânica ou excludente. É preciso romper com o estigma de que a leitura é uma tarefa árida e restrita à sala de aula. Como defende Eliane Yunes (2013, p.16):

Há, pois, que se criar condições muito propícias para que o exercício da leitura se torne uma experiência encorajadora. Trabalhar em círculos de leitura, longe de criar tumulto, suscita um acolhimento do outro como leitor, abrindo espaço para suas memórias e suas falas.

Essa perspectiva reforça a necessidade de espaços de leitura que dialoguem com as realidades e vivências dos estudantes, permitindo que suas memórias, histórias e emoções também façam parte do processo. A leitura, quando compartilhada e acolhedora, transforma-se em ponte entre o texto e o mundo, entre o eu e o próximo.

Nesse sentido, no pensamento freiriano, o sujeito crítico é aquele formado por um conjunto dinâmico de afetos, experiências, percepções e empatia, sempre mediado pela reflexão. No entanto, compreendo que a educação escolar ainda associa a leitura quase exclusivamente à disciplina de Língua Portuguesa, esquecendo que outras áreas do conhecimento também exigem e produzem leitura. É importante que as temáticas sejam abordadas com a mesma importância em todas as disciplinas, ampliando o repertório e promovendo práticas interdisciplinares. Eliane Yunes (2013, p. 5) afirma que:

Sua opção transdisciplinar que exigiu novos paradigmas de compreensão e atuação nas diferentes instâncias sociais para não excluir, não dominar, não manipular, não castrar, não assistir, mas criar oportunidades de que os sujeitos apareçam e cresçam, com a autonomia cúmplice que a intersubjetividade favorece; (YUNES,2013, p.5)

O conceito transdisciplinar ultrapassa as barreiras apenas de uma área do conhecimento, compreendo que a mistura dos saberes possibilita uma experiência mais ampla e profunda de compreensão leitora. Por isso, devemos pensar e recriar novos modelos de ensino de maneira que levem o sujeito leitor a deixar a forma passiva e alcançar um envolvimento ativo. Para Eliane Yunes, esta mudança está conectada a três elementos principais: acolhimento, escuta e edificação do saber. Trata-se de plantar sementes cujas raízes cresçam para todas direções.

Essa foi uma das ferramentas que tentei desenvolver no meu estágio. Assim, a leitura se tornou uma prática de cultivo, uma troca coletiva e individual que floresce em árvores de pensamento, imaginação e liberdade. Árvores que se tornam sólidas, firmes e enraizadas, não apenas pelo crescimento individual, mas também pela comunhão com o outro. O saber coletivo, tecido nas trocas, vivências e escutas, agrega-se às nossas histórias e fortalece nossa formação. Cada leitor, ao se formar, carrega em si não só sua própria voz, mas também os ecos das vozes que encontrou pelo caminho.

4-VIVÊNCIAS E PRÁTICAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

A escola se torna parte de nossas vidas. O lugar onde frequentamos por longos anos e que para muitos se torna lar. Quando estava próxima de entrar no semestre que me levaria às práticas das várias teorias estudadas - o único lugar que sempre tive a certeza de estagiar era a escola E.M.E.F Presidente João Goulart. Essa escola foi onde me desenvolvi na infância e na pré-adolescência, lugar que carrego comigo e que é fonte das tantas memórias afetivas.

Como futura educadora, várias dúvidas e inseguranças surgiram ao longo do tempo, especialmente quando pensava em como iniciar atividades e quais textos utilizar. O grande questionamento para aquele momento era por onde iniciar as atividades? Quais textos utilizar? Quais objetivos? De que maneira aplicar?

A resposta sempre foi a literatura. A literatura é o caminho. Como uma leve brisa, ela pode nos levar para todos os lugares. O portal para interpretações novas. A chave para a mudança na educação e sociedade. Afinal, como afirma Antônio Candido, ela é direito de todos para que tenham oportunidades, crescimento, principalmente, pensamento crítico e sensível. Esse direito precisa ser mais exercitado, e o melhor lugar é na instituição escolar. A literatura naturalmente provoca essas indagações que permitem abordar assuntos complexos e sensíveis.

Durante o ano letivo, parece existir uma concorrência entre conteúdos obrigatórios do ensino Fundamental, seguindo as normas da BNCC: Leitura e compreensão de textos, Oralidade, Produção de textos (escrita), Análise linguística/semiótica, Educação literária. Por conseguinte, elaboramos planos de

aulas que abarcaram todos esses elementos, mas nem sempre é algo possível. Pode acontecer de um elemento se destacar mais em detrimento de outro. Quando afirmo essa “concorrência”, conforme as observações realizadas, o destaque era voltado para a gramática, disponibilizando pouco espaço para a educação literária. Por conta disso, as reflexões e discussões não devem ser subestimadas pois possuem grande valor construtivo. Talvez se existisse mais discussão literária, reflexões não seriam necessárias tantas campanhas de conscientização que abordam o básico.

Os planos de aula foram elaborados com o objetivo de estimular o contato com a literatura, a leitura e, conseqüentemente, a produção textual. Para concluir esse objetivo, realizei diversas pesquisas para encontrar em um clássico literário a solução. A obra “O pequeno príncipe”, de Antoine de Saint-Exupéry, conta a história de um menino que descobre o valor da amizade através de suas aventuras pelos 7 planetas. Esse livro no ano de 2023 completava seus 80 anos, razão pela qual também me motivei a levá-lo para o estágio. Esta leitura que fez parte da minha vida e que é símbolo da literatura sensível e atemporal, também foi parte fundamental do meu estágio.

Então, para despertar o interesse pela leitura da obra, realizei a aproximação do livro com os alunos. Sondei sobre seus conhecimentos, estimulando através de filmes ou jogos que poderiam existir sobre esse texto. Livro aceito pela turma, a partir daí começamos a construção de um processo que é árduo e demorado. Além de despertar esse interesse, mantê-lo é ainda mais difícil. Por mais que minha ânsia de devorá-lo em sala de aula com meus alunos fosse intensa, é necessário respeitar o ritmo da turma. Assim como os dias que são instáveis, alguns dias serão mais produtivos, outros serão mais lentos.

Coloquei-me no lugar de estudante, voltando aos meus 12 anos, e percebi que não gostaria de ter aulas baseadas apenas na leitura de textos longos e cansativos. Por isso, ao elaborar meus planos de aula, busquei diversificar as atividades, incluindo curtas-metragens, músicas, filmes, contos, saraus e até um clube de escritores – atividade muito prazerosa e que foi acolhida pela turma com muito carinho.

Essas propostas tiveram como objetivo estimular a reflexão e o debate em sala de aula, abrindo espaço para que os alunos compartilhassem suas visões, suas experiências e, principalmente, a sua leitura de mundo, conforme estabeleceu Paulo Freire. Acredito que, por meio dessas práticas, é possível aproximar a literatura do cotidiano dos estudantes, tornando o processo de aprendizagem mais significativo e envolvente.

Cada leitura carregava um passo para o objetivo de realizar o letramento literário e estabelecer a literatura como um direito ao sonho, ao sensível e ao mundo da imaginação. A dinâmica mais utilizada foi a inserção do aluno na leitura em voz alta e compartilhada com o coletivo, realizando o chamamento para que todos pudessem ler e ter a oportunidade de serem ouvidos. Além do Livro “O pequeno príncipe”, coloquei em prática a utilização de diversos gêneros como o texto jornalístico. Analisando o grupo, percebi que a compreensão textual era pouco estimulada, por isso, usei do texto jornalístico para completar perguntas básicas que devemos realizar diante de um texto, e o que deveríamos procurar para, assim, entender o contexto. Os materiais utilizados foram jornais com diversas informações sobre o esporte futebol. O propósito era responder as perguntas: quem? o que? onde? como? Desse modo, pude analisar o desempenho dos alunos. De maneira geral entender o nível de leitura do grupo. A atividade auxiliou para as próximas tarefas que precisavam de concentração por serem mais complexas.

A próxima proposta foi a execução da leitura de 2 reportagens jornalísticas que englobavam uma temática complexa. Utilizei do mesmo gênero, para não ocorrer estranhamento, mas que aborda um assunto que deve ser discutido com mais frequência. A produção de lixo exagerado gerado pelo ser humano é um dos grandes problemas ambientais enfrentados neste século. E trazer essa temática nos permite encaminhar a discussão para um aspecto mais amplo, de resolução do problema. Lemos a reportagem, trazemos o olhar do aluno com sua experiência de vida, conscientizamos da gravidade, despertamos a curiosidade no assunto, para, ao final, solicitar que o aluno seja porta-voz da resolução desse problema. Portanto, formulamos as seguintes perguntas: quais seriam as medidas? quais as maneiras mais eficazes? Quais as soluções?

O resultado dessa leitura ambiental desenvolveu uma melhor escrita e posicionamento. Ver suas redações, para mim, foi concretização de uma atividade bem elaborada e concluída. Nesse contexto ambiental, incluí em nossas atividades um filme infantil da Disney, “Wall-e” – obra que aborda as consequências da ebulição global, passando a mensagem da importância do cuidado com a terra. A partir dessa leitura visual, o debate estabelecido com alunos produziu diversas reflexões, cada aluno percebeu um detalhe do filme que ficou marcado na memória afetiva de cada um. Assim, entramos de forma mais intensa no assunto, discutindo o futuro, relações sociais, a dependência da tecnologia, o excesso de lixo, principalmente como resolver essas questões com atitudes cotidianas.

Percebi que colocar o aluno de frente com o problema e inseri-lo na situação torna a experiência da aprendizagem muito mais concreta e significativa, motivando também a leitura e a escrita.

Outra linguagem visual que trouxe aos estudantes foi o curta-metragem “Umbrella”, dirigido por Helena Hilário e Mario Pece, indicado ao Oscar no ano de 2021. Sem apresentar nenhum diálogo somente a interpretação dos personagens na animação, a obra aborda a história de um menino no orfanato devido às guerras, esperando por uma segunda chance. A temática que engloba o curta-metragem estabelece uma conexão com quem assiste, por ser uma obra sensível e mostrar a vida das crianças que são refugiadas. Precisamos resgatar essa sensibilidade, esse olhar empático sobre o próximo. Por meio de um clipe, mesmo sem diálogo algum, é possível promover esse tipo de reflexão e leitura profunda da realidade. De uma maneira sensível e com seriedade, o debate trouxe aos alunos uma nova realidade de vida, e acredito que gerou um momento de identificação. Alguns colocaram-se neste local por ter perdido algum responsável, sentirem a falta de alguma presença essencial. Quando conseguimos aproximar a literatura e a escola da vida real, o letramento literário se torna mais interessante.

Na sequência das atividades, outras propostas envolvidas com o gênero musical foram apresentadas. A música escolhida foi “Recomeçar” da banda Jota Quest, canção que aborda os recomeços da vida, temática que também podemos abordar através das leituras. Antes de escutar a música, fizemos a

leitura em forma de poema, de uma maneira que despertasse a curiosidade, tentando entender algumas palavras. Realizamos a escuta, uns gostaram, outros não gostaram, mas compreenderam a mensagem da música. Discutimos sobre qual seria a mensagem da música, dando espaço para que todos compartilhassem suas ideias. Marcamos assim a frase que mais teve impacto. Construimos cartazes com as frases, alguns até desenvolveram desenhos dessa leitura musical.

Assim, tecendo o fio condutor para um desenvolvimento da prática da leitura que fosse múltiplo e dialogasse com diversos gêneros e situações, o gênero conto estabeleceu o fim concreto do processo de desenvolvimento do meu estágio.

O gênero literário conto apresenta uma estrutura com elementos narrativos como personagens, tempo, espaço, narrador, enredo, conflito, e abrem um novo mundo para o leitor. Portanto, depois de ter iniciado com o livro de literatura infantojuvenil e perceber a interpretação realizada com o propósito de estimular a formação básica.

O conto apresenta poucos personagens, um recorte da memória reduzido e cenário limitado com os elementos narrativos, o que exige dos leitores uma concentração e compreensão mais intensas. O conto “Dono da bola”, de Ruth Rocha, foi o primeiro conto apresentado em sala, com o intuito de descobrir a percepção do grupo de que os elementos principais precisavam estar mais marcados nas entrelinhas. Os personagens, espaço, e o conflito eram os primeiros a serem descobertos, contudo, senti a dificuldade dos alunos em perceber o tempo e o enredo. Assim, então, dei seguimento à leitura de mais contos para que existisse amplos exemplos e a compreensão se desenvolvesse.

Conforme sentia as faltas que os alunos apresentavam buscava preencher com o conhecimento específico, como, por exemplo, abordar os elementos narrativos e suas características e como percebê-los no texto. Então na classe que abordei os elementos narrativos do conto, apresentei a proposta de construir um livro de contos produzido pelo grupo. A partir de uma dinâmica intitulada “Clube dos Escritores” distribui para cada aluno uma folha contendo os

elementos principais da narrativa como: personagem, tempo, espaço e conflito. Dessa forma, cada estudante sorteou uma situação específica, o que serviu de estímulo para a concretização de um conto criativo e inesperado.

A repercussão positiva inspirou os alunos na criação, porém não foram todos que terminaram ou concluíram. A dificuldade da escrita é ainda maior que a dificuldade da leitura. Para a finalização dessa etapa, realizamos um cartaz escrito “Sarau 61”, na qual a liberdade de expressão artística repercutiu para as aulas de outros professores. Preparamos um cartaz colorido, com desenhos, reutilizando aprendizados que abordamos em sala de aula.

O propósito dessa atividade era estabelecer uma conectividade entre os alunos, um momento para compartilhar suas contribuições, e se perceberem no mundo como contribuintes, como cidadãos. Refletir sobre o uso da leitura passiva para uma leitura ativa, para assim, buscar a sensibilidade e a aproximação do leitor e ressignifica o propósito do letramento literário, quebrando a barreira entre leitor e texto.

O projeto final desse processo seria a criação do livro, porém, não se concretizou pelo fechamento do Estágio e por não receber todos os contos completos. Seria uma grande conquista como professora estabelecer esse livro e gratificante para os futuros leitores.

O papel do professor na atualidade está cada vez mais desafiador. Enfrentamos diariamente situações que geram desânimo em relação à profissão docente. De modo geral, observa-se o sucateamento da educação, com escolas que enfrentam dificuldades estruturais, financeiras e materiais, além da escassez de professores e funcionários e da presença constante de crianças em situação de vulnerabilidade social.

Além disso, os desafios se intensificam dentro da sala de aula, especialmente, com a diversidade de alunos que ainda não adquiriram plenamente as habilidades de leitura e escrita. Ao progredirem das séries iniciais para as finais, essas lacunas no processo de aprendizagem acabam se agravando, prejudicando as novas etapas.

Ao pisar em uma sala de aula, muitas vezes realizamos diagnósticos de forma geral, deixando de lado um olhar mais individualizado. Isso se deve, em grande parte, às turmas numerosas, com 30 alunos ou mais. Diante desse cenário, é preciso reforçar que o básico é o alicerce de toda a construção educacional: ler e escrever são desafios permanentes que nos acompanham ao longo da vida. Não sabemos todas as palavras do dicionário, mas dominar o essencial do nosso vocabulário é fundamental para manter viva a memória da leitura, escrita e da língua.

5-SEMEANDO LEITURAS: FRUTOS E APRENDIZADOS

O resultado do meu trabalho foi melhor percebido no comportamento coletivo da minha turma: presenciei troca de cuidado, afeto com o próximo, maior concentração, exercício de escutar o próximo, percebi que melhorou a leitura oral, também a participação em aula, a escrita e o interesse pelos estudos. Percebi também que os alunos me enxergaram além da profissão como professora, e encontram em mim a confiança para desabafar sobre problemas e situações que estavam vivendo, compartilharam suas dores e alegrias.

No início do processo foram geradas expectativas relacionadas ao resultado final de cada classe. Nem todas as expectativas foram alcançadas devidamente pelas adaptações e também ritmo do grupo. A expectativa gerada era de concluir os planos no mesmo dia, também realizar uma grande comoção voltada para literatura. Apesar da esperança sempre depositada, foram poucos alunos que realmente se motivaram a continuar as leituras de forma individual. Apesar do pouco tempo e impacto gerado através das atividades, seria extraordinário verificar que todos realizassem a compreensão da importância da literatura por meio das reflexões realizadas.

Contudo, penso que os aspectos positivos foram de maior relevância. No início das aulas, observei que acontecia uma rigidez social que resultava em violências verbais e acabavam ocorrendo em sala de aula. A partir dessa constatação de violência verbal, senti a necessidade de abordar através dos textos e vídeos a violência e seus malefícios. Acredito que dessa maneira, consegui construir reflexões valiosas e profundas, transformando de forma conscientizadora.

Outro aspecto é a concentração dos estudantes. Observei que o foco do grupo não era contínuo, ou seja, realizavam a leitura de um texto, porém não lembravam nada do conteúdo. A leitura quando realizada exige do leitor um estado de presença, esse estado de presença foi difícil de estabelecer neste grupo. A distração maior era o dispositivo móvel, por mais que fosse guardado, ainda visualizava os estudantes verificando o aparelho no meio de alguma atividade. Com a dinâmica da leitura compartilhada exigia a presença real do estudante na situação, também quando abria a aula para discutir algum assunto. Aos poucos a concentração obteve melhora. Observei os alunos mais interessados e atentos às leituras e discussões.

A produção textual desenvolvida pelos estudantes apresentava problemas de troca de letras, uso errado de pronomes e verbos, falta de concordância, utilização quase nula de vírgula e ponto. Os vícios de linguagens e de escrita ainda permaneceram, mas, aos poucos, percebi um cuidado para utilizar verbos, pronomes, uso da vírgula e ponto. Quando estavam desenvolvendo sua escrita perguntavam mais sobre como utilizar a pontuação, também se a conjugação verbal e pronomes estavam adequados. Questão de grande dúvida para os estudantes que sentiam grande insegurança ao escrever. Alguns alunos desistiram de escrever por encontrar na escrita uma grande barreira limitando-o como aprendiz. Partindo dessa insegurança, que o exercício da escrita foi utilizado de forma incentivadora, cada oração escrita, era uma evolução de aprendizagem, assim como as inseguranças.

Outro aspecto observado é a leitura oral. Nas aulas um dos grandes investimentos realizados foi na prática da leitura de textos e leitura oralizada. Partindo do princípio de que uns dos principais motivos desse modelo de leitura ainda seja resquícios das consequências da pandemia. Percebia uma leitura realizada com troca de fonemas, sem concordância, leitura errada de algumas palavras.

Gostaria de enfatizar que o propósito não é “apagar” a identidade da fala do indivíduo, é proporcionar ao estudante a experiência de que em certas situações nossa fala/ leitura se apresenta de maneiras diversas. Cada situação comporta um tipo de linguagem. Podemos nos comunicar com mais identidade com as pessoas próximas, por exemplo, em situações mais formais como a

entrevista de emprego, a linguagem se manifesta com seriedade. O preconceito linguístico existente realiza o apagamento do indivíduo e provoca em alguns indivíduos a irresponsabilidade de incitar essa ação.

Conseqüentemente, quando houve melhora na concentração, a leitura passou a ter atenção e presença do estudante, começaram a desenvolver melhor a compreensão real do texto. As interpretações de texto ampliaram-se também, a comunicação expandiu-se durante as reflexões em sala de aula.

Comunicação, escuta, leitura oral, escrita, concentração, literatura, reflexões, afeto. A prática de estágio é construída a base dessas palavras mágicas. Todos conceitos desenham o fio condutor da educação e ver como os alunos depositaram afeto pela literatura durante o estágio é muito emocionante.

A literatura é a chave para abrir mundos imaginários e promover o letramento literário é despertar as flores adormecidas na primavera. É semeadura em tempo de seca. É a esperança de um amanhã melhor. Como um rio que anseia pela chuva, como a noite espera pelo dia, como um sentimento necessita ser nutrido, alimentado, dessa mesma maneira, que promovemos o letramento literário: buscando na leitura da literatura construir pensadores críticos e conscientes, estimulamos reflexões éticas e a empatia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das discussões teóricas e práticas desenvolvidas ao longo do trabalho, é possível afirmar que a leitura é uma forma de arte que tem um papel fundamental na formação de sujeitos mais críticos, autônomos e humanizados. As experiências vividas no estágio supervisionado no ensino fundamental II reforçam a percepção de que o ato de ler não está reservado apenas ao espaço escolar ou ao cumprimento de atividades formais, mas deve ser compreendido como exercício da compreensão do mundo e construção de sentidos.

Com base nas contribuições de Paulo Freire (1989), entendemos que a leitura de mundo realizada pelo estudante é ferramenta essencial para desenvolver um bom trabalho, respeitá-lo como sujeito e usar suas perspectivas sobre o mundo disponibiliza, para nós professores, um ótimo instrumento de trabalho. Toda leitura é válida, principalmente quando há relações internas que proporcionam essa construção de sentidos. Cada estudante carrega consigo um olhar para cada situação e deve ser valorizado como material e principalmente para respeitar suas individualidades. Dessa maneira, a aprendizagem se torna acolhedora, damos espaço e voz para o estudante expressar-se e contribuimos para o ensino ainda mais significativo.

Como aponta Eliane Yunes (2013), o ambiente é um fator que influencia de forma direta os estudos. A criação de um ambiente acolhedor e prazeroso é essencial para que o ato de ler se torne significativo. A construção do sujeito-leitor desenvolvida na formação das memórias afetivas. Dessa maneira, conseguimos modificar a perspectiva do estudante em relação a leitura compreendida como exercício obrigatório. Essa situação reforça a urgência de propostas pedagógicas que promovam a leitura como um encontro com a pluralidade, o próximo e seu interior.

Como aponta bell hooks (2013), a educação tem papel primordial para desenvolver um trabalho libertador. A prática da liberdade caminha para a construção da consciência de sujeitos autônomos, pensadores e críticos.

Como aponta Antônio Candido (1995), foi possível compreender a necessidade de introduzir cada vez mais o conceito de humanização na prática. A humanização participa do processo integral do sujeito tornar-se quem é,

instigando a sua sensibilidade, sentido de justiça e a sua visão para o mundo. Esse direito deveria estar assegurado, o direito de saciar todas as necessidades incluindo a fome do saber. Contudo, na realidade observada, apesar de existir uma biblioteca, os incentivos relacionados à leitura ainda são tímidos.

É importante ressaltar que os desafios do ensino da leitura não estão associados apenas ao uso das metodologias. Sendo assim, é necessário reparar na no abismo social e cultural que destoa de aluno para aluno. O desafio de acolher o aluno e ainda perceber “os vazios” em decorrência do nível escolar e sendo também caracterizado por seu meio social. Nesse sentido, a prática docente precisa estar sempre se reinventando de modo que a instituição escolar seja um espaço de diálogos, escuta e valorização das experiências do estudante. Devemos compreender que não é apenas pensar que a leitura seja feita, mas construir um laço com o texto, mundo e suas vivências dos leitores. A leitura age como um instrumento para a transformação individual e coletiva, deixando de ser um conteúdo curricular obrigatório.

O melhor de ser professor é dividir e desvendar junto do aluno um mundo novo. Sendo assim, todos esses autores contribuíram na minha formação docente. Esse conjunto de conceitos estabeleceu a inspiração para as práticas que procurei realizar. A construção de uma professora acolhedora que seja uma incentivadora diária não é uma tarefa fácil, mas quando vejo o aluno, nele me vejo, nele vejo a vida prospera e a esperança e, assim, me motivo a seguir o meu caminho nesta luta.

6-REFÊRENCIAS

CANDIDO, Antônio. *O direito à literatura*. In: *Vários Escritos*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 169-191.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. Tradução de Jorge Zahar. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

YUNES, Eliana L. M. Um ensaio para pensar a leitura. *Verbo de Minas: Revista do Programa de Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora – MG*, Juiz de Fora, v. 14, n. 23, p. 5–17, 2013. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/542611791/YUNES-Eliana-pensar-a-leitura>.

Acesso em: 20 abril de 2025.